

APRENDIZAGEM EM CIÊNCIAS: UM OLHAR SOBRE OS CRITÉRIOS E INSTRUMENTOS AVALIATIVOS

RODRIGUES, Rita de Cássia Balieiro; REZENDE, Márcia Pereira Dutra de.

RESUMO

Os estudos sobre a avaliação da aprendizagem têm avançado nos últimos anos, no entanto, alguns professores e instituições de ensino, persistem em modelos de avaliação centrados no produto final e na meritocracia. O escopo desse trabalho traz uma análise das concepções e das práticas avaliativas de professores de Ciências do Ensino Fundamental, verificando se estas estão ou não relacionadas às reais necessidades dos estudantes ao longo do processo de ensino e aprendizagem. Dessa maneira, o trabalho parte da premissa de que há um crescente desinteresse dos jovens pelos estudos científicos e pretende refletir como algumas concepções e práticas docentes podem contribuir para agravar tal estado de coisas na educação brasileira. Portanto, essa pesquisa tem por objetivo compreender como as concepções sobre avaliação podem refletir nas práticas do professor de ciências e nas expectativas do aluno em relação às avaliações de Ciências e ao aprendizado desta matéria. Para tanto, foram entrevistadas através de questionários semi-abertos, três professoras dessa disciplina de turmas do último ano do Ensino Fundamental e dois alunos de cada uma delas. Algumas das conclusões remetem-nos à importância da elaboração de critérios avaliativos diversificados e eficientes para cada momento do processo de ensino e de aprendizagem, além da clara necessidade da observação de habilidades como capacidade de síntese e de compreensão de textos, raciocínio lógico, criatividade etc. e não só pela memorização de termos científicos. E, por parte dos educandos, foram apontadas as necessidades do uso diversificado de atividades avaliativas, haja vista que cada aluno se identifica melhor com um tipo de atividade avaliativa de acordo com o que ficou evidenciado nos questionários.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, muito se tem avançado nos estudos sobre avaliação, mas na prática, características de alguns sistemas de ensino atuais podem ainda ser comparadas com as normas presentes na promulgação do *Ratio Studiorum* pelos jesuítas. A avaliação como processo final, usada tão somente para obtenção de resultados, e a

prática da meritocracia, são algumas das visíveis práticas que persistem até hoje nas escolas brasileiras e que continuam reforçando os mecanismos de uma sociedade classista e competitiva.

As influências dos padrões sociais e econômicos de cada época foram sendo introduzidos no ensino de maneira tácita ou por clara imposição de um sistema de funcionamento social. Um bom exemplo é o dos modelos tecnopedagógicos de avaliação da década de 70 (CHAVES, 2003), estes deram ênfase à produtividade final no ensino, reforçando a meritocracia na seleção de pessoas para o mercado de trabalho.

A avaliação a serviço do processo didático é uma concepção mais recente e muito interessante, desde que haja estabelecimento de critérios. Para Rosales (1992), a autonomia do professor é incrementada à medida que este desenvolva a capacidade de elaborar critérios e não só de aplicar as orientações curriculares de um programa de ensino. Resulta dessa autonomia crescente do professor, um maior esforço nas ações para melhoria no processo de ensino e aprendizagem. Sendo assim, esse trabalho objetiva compreender como as concepções sobre avaliação podem refletir nas práticas do professor de ciências, bem como nas expectativas do aluno em relação aos momentos avaliativos.

CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Essa pesquisa analisa a avaliação no contexto da disciplina de Ciências, e foi motivada pela participação das pesquisadoras como alunas da disciplina: Avaliação da aprendizagem do programa de Mestrado em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal de Goiás. Por se tratar de uma pesquisa sócio-educacional, optou-se por uma metodologia qualitativa. Foram elaborados dois questionários um voltado aos professores e outro aos alunos. Tal instrumento foi aplicado a professores de Ciências do Ensino Fundamental de Goiânia, sendo duas professoras de escola pública e uma de escola particular. Na pesquisa foram selecionados aleatoriamente dois alunos de cada professor para responderem aos questionários.

Das professoras entrevistadas, duas (P2 e P3) atuam na rede municipal de Goiânia e a professora P1 atua em uma escola particular. Todas as professoras possuem formação superior em Ciências Biológicas/Licenciatura, P1 e P3 possuem especialização na área educacional e P2 possui especialização fora da área educacional.

Dos alunos entrevistados, E1 e E4 cursam o 8º ano e são alunos da professora P2; E2 e E5 cursam o 7º e são alunos da professora P1, e E3 e E6 cursam o 9º ano e são alunos da professora P3. As idades dos alunos variam entre 12 e 14 anos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O instrumento de pesquisa apresentou às professoras três concepções diferentes a respeito do papel da avaliação da aprendizagem, sendo uma delas mais tradicional, uma moderada e uma progressista. As professoras P1 e P3 concordam que a avaliação possui múltiplos papéis. A professora P2 discordou do papel que a avaliação exerce em verificar o mérito do aluno.

Dalben (2002) reflete sobre o quanto a concepção de escola transmissora do saber esteve, por muito tempo, diretamente ligada à concepção de avaliação baseada numa perspectiva técnica, na qual a avaliação centrava-se na medição do rendimento do estudante perante os objetivos de ensino. Percebe-se que as professoras P1 e P3 tem uma visão mais holística do processo avaliativo, no entanto a professora P2 pode ter discordado da observação do mérito do aluno na avaliação por ter compreendido que este estava sendo colocado como único critério a ser considerado em um programa de avaliação.

Quanto aos instrumentos avaliativos, verificou-se que o método tradicional de avaliação configurado por provas e testes ainda é muito utilizado, uma vez que as três professoras declararam utilizar a prova escrita discursiva e as professoras P2 e P3 priorizam as provas e testes como forma de avaliar. Moretto (2010) considera grande a importância da prova no ato de avaliar. No entanto, o autor alerta quanto ao papel da linguagem na interação professor-aluno, uma vez que o contexto do aluno é diferente do contexto do professor e que o texto só faz sentido dentro de um contexto. Dessa forma, a prova escrita ou oral, apesar de ser considerada tradicional, pode ser um bom instrumento avaliativo, desde que tenha uma linguagem clara e que seja direcionada para a construção do conhecimento.

Na concepção dos alunos o aspecto mais importante da avaliação é a verificação dos conhecimentos adquiridos durante as aulas. Os alunos E3 e E6 (ambos da professora P3) consideram a obtenção de conhecimento real e significativo para a vida como um aspecto importante da avaliação da aprendizagem.

O questionário aplicado teve como um dos objetivos verificar quais habilidades dos alunos são valorizadas em testes e provas. Observou-se que as três professoras consideram a memorização, a interpretação de textos e a compreensão do conteúdo como os elementos da aprendizagem mais explorados em suas avaliações. As professoras P1 e P3 também consideram a capacidade de síntese e a argumentação crítica.

Moretto (2010) diz que “os rumos da educação para o momento social atual se voltam para um novo foco: o desenvolvimento de competências em vários campos do saber”. E completa:

Assim, se a escola se serviu dos conteúdos selecionados naquele momento para desenvolver a capacidade de pensar e as habilidades de observar, relacionar, estruturar, analisar, justificar, sintetizar, correlacionar, inferir, entre outras, então preparou o cidadão para o exercício de uma profissão desenvolvendo suas competências. (p. 20)

Outra importante verificação do questionário aplicado aos alunos foi a pluralidade de preferências quanto aos instrumentos avaliativos utilizados pelos professores. Todos os alunos gostam dos trabalhos em grupos como forma de avaliação. Entretanto, apenas o aluno E4 tem preferência por prova oral, os alunos E1 e E4 (professora P2) preferem provas escritas e o aluno E3 gosta de trabalhos individuais.

Percebe-se a importância de o professor utilizar múltiplas formas de avaliação para atender às especificidades dos alunos. Já que a sala de aula é um universo singular e alunos de uma mesma série não são iguais, cada professor precisa conhecer a realidade das suas aulas e de seus alunos.

Luckesi (2000) chama a atenção para a disposição de acolher, a qual deve ser condição *sine qua non* para a avaliação inclusiva democrática e amorosa. Ele parte do princípio de que para se fazer um bom diagnóstico da aprendizagem do aluno é necessário que se aceite a real condição em que se encontra o aluno, para só a partir daí iniciar um trabalho que demandará planejamento e uma adequada prática docente. O que não significa esconder os erros e nada fazer para melhorar a condição do aluno, mas pelo contrário, o acolhimento permite diagnosticar e tomar uma decisão sobre o que fazer.

Daí a responsabilidade social do educador, querendo ou não, é um formador de opiniões, que poderá escolher que tipo de aluno deseja formar, um mero reprodutor de ideias ou um aluno questionador, consciente e transformador de sua realidade pessoal e, conseqüentemente um modificador da realidade coletiva.

CONCLUSÃO

Percebe-se na análise dos resultados dessa pesquisa que enquanto o professor expõe em suas palavras uma concepção de avaliação formativa, processual e emancipatória, ainda persiste uma adoção de instrumentos e de práticas de ensino mais tradicionais. Porém, os instrumentos tradicionais de avaliação podem ser bastante eficientes desde que o professor saiba fazer bom uso dos mesmos.

Tomando como ponto de partida a prova, é muito comum a má aplicabilidade desse instrumento, bem como a má elaboração das questões. Na aplicação da prova como instrumento avaliativo, deve-se ter cuidado para não utilizá-la como instrumento de repressão e nem como produto final do processo de ensino e aprendizagem. O critério na escolha dos instrumentos avaliativos não é a medida solucionadora de todos os problemas da avaliação, mas pode favorecer muito a intervenção do professor, facilitando o diagnóstico das necessidades reais dos alunos.

Observou-se também que alguns alunos colocaram a dificuldade de entendimento de certas questões das provas de Ciências, o que reforça o problema da linguagem que é recorrente em provas de vários níveis. Por isso, é necessário que no processo de ensino busque diminuir a distância entre o comunicante e o entendedor, que pode ser minimizada pela clareza na elaboração das questões e no estabelecimento diário de uma livre interação entre professor e aluno.

Outro problema na elaboração de questões é a falta de conexão dessas com os objetivos da aprendizagem, o que resulta no excesso de questões que visam tão somente observar a memorização imediata e fugaz; atribuindo menor valor à análise, à comparação, à interpretação, à capacidade de síntese, que podem ser considerados como processos mentais mais elaborados e duradouros na aprendizagem do aluno.

Outros instrumentos avaliativos menos usuais que as provas podem favorecer tanto a maior participação dos alunos como a verificação do aprendizado. É o caso dos trabalhos em grupos, levantados como de preferência por todos os alunos entrevistados, podendo ser não só estimulantes para a socialização, mas que podem permitir ao professor uma melhor percepção das habilidades individuais e coletivas de seus alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAVES, S. M. **Avaliação da aprendizagem no Ensino Superior: realidade, complexidade e possibilidades**, São Paulo: USP, 2003.

LUCKESI, C. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem na escola?. **Patio: Revista Pedagógica**. Porto Alegre, Ano 4, n° 12, fev./2000. Disponível em: <<http://www.revistapatio.com.br>>. Acesso em: 15 ago. 2010.

MORETTO, V.P. **Prova, um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas**. 9 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

ROSALES, C. **Avaliar é reflectir sobre o ensino**. Rio Tinto: ASA, 1992.